

## ARTES DA ESPERA

### A pesca da lampreia\* na foz do Cávado

por

Álvaro Campelo\*\*

Esperei que a estranheza do ritual fosse superada para que a diferença do olhar não ofuscasse a paixão do conhecimento. Passaram-se alguns anos até que as minhas questões fizessem sentido, mesmo que elas próprias se apresentassem tão estranhas e importunas àqueles homens, visitados pontualmente, pois estávamos todos dependentes de horas certas, eu da disponibilidade, eles das marés<sup>1</sup>. Ao

---

\* Lampreia (*Petromyzon marinus*) é um nome comum aos peixes ágnavos da ordem dos ciclóstomos, família dos petromizóntidas. São serpentiformes, pegajosas, sem escamas, e têm uma boca redonda com coroas concêntricas de dentes (odontóides). A boca serve de ventosa para se fixarem nas presas ou em pedras e outros objectos para descansar. Desloca-se nadando com movimentos ondulatórios como as enguias, e alimenta-se do sangue que retira das vítimas quando lhes aplica os dentes. No estado larvar (acometo), antes da metamorfose, confunde-se com um verme, permanecendo no rio, onde nasceu entre 5-7 anos, antes de regressar ao mar, onde cresce até cerca de 1 metro de comprimento. Respira por simples buracos branquiais. A lampreia é o mais primitivo e rudimentar habitante da nossa fauna fluvial. Terá o nome, segundo alguns, do facto de se “fixar” às pedras (*lampetra*), sendo apelidada por outros de “peixe dos sete buracos”, devido às aberturas branquiais que apresenta de cada lado da cabeça (Alonso 1989: 317).

\*\* Centro de Estudos de Antropologia Aplicada. Universidade Fernando Pessoa.

<sup>1</sup> Ainda que tenha seguido cuidadosamente as quatro últimas safras, foi ao longo dos dois últimos Invernos (1999/2000 e 2000/2001), que deambulei pelas margens e foz do Cávado para estudar a pesca à lampreia. As características próprias deste vertebrado pisciforme, que tanto repugnam como fascinam, as variadas e múltiplas formas de o apanhar, bem como o valor gastronómico e económico, desafiavam uma atenção antropológica, que pretendia ultrapassar a mera descrição etnográfica. A pesca da lampreia resume várias modalidades da relação estabelecida entre o predador e a presa.

Optamos por uma escrita antropológica (cf. Dzin 1997), que por si mesma não necessita de justificação. O facto da investigação de terreno ter durado cerca de dois anos e de os actores presentes variarem muito conforme os dias da semana, principalmente os que são profissionais doutras áreas, fez com que optássemos por uma escrita em discurso livre, reforçada por interpretações antropológicas e descrições etnográficas (Battaglia 1999: 123). Focalizamos esse discurso em dias específicos, seleccionados de entre os dias em que fizemos trabalho de campo durante esses dois anos. Se a narrativa toma os elementos observados nesse dia, as interpretações e descrições fazem uso de elementos estudados e recolhidos ao longo da investigação, bem como de investigações académicas de referência. Alguns dos nomes dos informantes, que assinalaremos com um asterisco (\*), são pseudónimos que adoptamos.

longo do rio<sup>2</sup> deparei com homens estátuas, aparentemente imóveis e insensíveis ao frio que se fazia sentir de forma aguda nas longas noites de Inverno. Uma vez colocados em cima do paredão que anuncia o mar, outras em barcos silenciosos que se deixam levar pela corrente ou se agarram ao fundo do rio, na embocadura da foz, estes homens ali permaneciam de cabeça baixa, olhando cada ruga do rio, numa fixidez digna do melhor malabarista das ruas das nossas cidades.

Desde o início do meu trabalho que senti pudor em interromper semelhante concentração. Na maior parte das vezes não passava de um importuno, poucas eram as vezes em que era uma companhia na noite escura ou razão para maldizer a sorte, como querendo encontrar interlocutor que servisse de mensageiro para os lados da promessa. Os homens esperavam! Toda a espera supõe enfado, e desdém pelo que falta ou tarda. Nesta espera nunca vislumbrei semelhantes estados de alma. Espera-se de dia, espera-se de noite, espera-se outro dia e outra noite, e assim sempre, mesmo que o que se espere não apareça! O problema é que este encontro é sempre particular e individualizado<sup>3</sup>, daí que se o vizinho cumpre satisfatoriamente essa espera, isso nada resolve quanto àquele que a não concretizou. Unicamente serve para alimentar o desejo da espera, e o prolongar da mesma. E o que se espera é a lampreia!

O nome sugere cheiros, paladares e uma forma que confunde os estranhos<sup>4</sup>. Da fealdade da aparência, nascem sentimentos vários quanto ao valor gastronómico. Enquanto para uns é causa de uma repulsa inicial, que se pode vir a tornar definitiva, para outros trata-se de uma viagem à conquista de novos e sofisticados sabores<sup>5</sup>. De nome feminino e de forma fálica, ela resolve essa aparente contra-

---

<sup>2</sup> A pesca a este ciclóstomo reveste-se de particular importância para os pescadores das bacias de alguns rios da costa portuguesa, a norte do Douro, apesar de ele estar presente noutros rios (principalmente fora de Portugal). No nosso caso interessava somente uma área muito restrita de um só rio: a que estava delimitada pela ponte velha e que liga a freguesia de Gandra à Vila de Fão, e daqui até à foz do rio Cávado. Delimitamos este espaço em cinco áreas, de forma a compreender a utilização das diferentes artes de "pesca" à lampreia (ver figura 1).

<sup>3</sup> No caso das artes onde é utilizada a rede de tresmalho (a "varrer o rio") ou a estacaria, a apanha da lampreia exige o concurso de uma companhia.

<sup>4</sup> É interessante realçar o facto de os pescadores da lampreia quererem demonstrar os seus conhecimentos, dizendo que a lampreia não era um peixe, mas um "ciclóstomo"! Com muita frequência escutamos este esclarecimento aos curiosos que demandavam o paredão da foz. Em todas as entrevistas que fizemos, todos os pescadores deram este esclarecimento, supondo uma ignorância pela estranheza de um "pescado" não ser peixe.

<sup>5</sup> Várias são as lendas associadas à lampreia. Os romanos apreciavam-na particularmente (Brothwell 1971), chegando a criar lampreias em viveiros, aos quais lançavam, segundo reza a lenda, escravos para as alimentar! De um empadão de lampreia dá-se razão à morte de Henrique I de Inglaterra. No entanto, ainda hoje os habitantes da vila de Gloucester continuam a preparar o tradicional pastel de lampreia, que oferecem à família real pelo Natal. Uma vez a lampreia é um prato culinário, outras um *doce veneno*, indigesto mas eficaz para muitas maleitas e perigos, como diz Plínio, e, como seu bom discípulo, o médico do rei D. João V, Dr. Francisco da Fonseca Henriques (chamado de Dr. Mirandela, por daí ser natural) confirma, sugerindo que da sua ingestão, pese embora o seu sabor delicioso, nascem humores melancólicos e glutinosos (cf. Alonso 1989: 318-319).

dição na medida em que se torna furtiva e misteriosa ao homem que a espera, num jogo de sedução e de conquista. Tê-la perfurada na ponta do “galheiro” é o momento de êxtase, difícil de partilhar, e a glória de um dia preenchido. Para o que demanda o rio e a foz a esse encontro prometido e sempre esperado, partir sem a concretização do mesmo é como se o dia não fosse dia e como se a noite tivesse obrigação de chamar outra noite!

Praticada desta ou daquela forma<sup>6</sup>, a pesca da lampreia é, para o imaginário social envolvente, um acontecimento que, muitas das vezes, se transforma em espectáculo<sup>7</sup>. Ao cenário majestoso da foz associa-se a lembrança de um sabor singular e, porque dispendioso, só acessível à raridade do momento ou à abundância do dinheiro. No entanto, para os que percorrem o rio ou para os que sobem o paredão, o que se lhes apresenta é um tempo de espera. A arte da paciência, conjugada com a fortuna da sorte, exerce-se num olhar atento e num silêncio piedoso, invocador dessa fortuna. Saber esperar, quando esperar, onde esperar é o segredo da pesca à lampreia, pois quem espera, sempre alcança!

## 5 de Janeiro de 2000

16 horas e 30 minutos

O dia anunciou-se chuvoso e cumpriu-se em neblina fria. No início da tarde, alguns “amadores” haviam tentado a sorte, mais para consolar a saudade e exor-

---

<sup>6</sup> A arte da pesca da lampreia é também ela variada, não só de lugar para lugar, como dentro do espaço confinado pelo mesmo rio. Temos assim, para além das peculiares “pesqueiras” do Minho (com o seus sistemas de propriedade e de herança muito sofisticados), outros métodos que se assemelham nos vários locais onde se pesca, como a utilização da nassa (*Botirão*) ou da rede de tresmalho (Leite 1999; Alonso 1989). No caso do rio Cávado, local sobre o qual incide o nosso olhar, as artes são várias, tendo em conta os pontos de pesca e a habilidade do pescador (ver figura 1). Desta forma, temos no paredão da foz (área 1) a pesca com o “galheiro”; no molhe que segue o paredão para o mar, a pesca com a “guilheta”; na zona de embocadura do rio (área 3), pesca-se dentro do barco, ali fundeado, com a rede e com a ponteira; na restinga (área 2) ou “bicheiro”, com o bicheiro; e na velha ponte de Fão (área 7), a pesca com a “fisga”. Ao longo do percurso do rio (área 4), utilizando as embarcações, temos ainda o uso da rede de tresmalho para “varrer o rio” ou da rede para a pesca nas “estacas” (área 6). Na “pesca à tona” (área 5) utiliza-se a ponteira (ver figura 2). Todos estes locais e métodos tiveram a atenção do nosso olhar. Daremos conta de cada uma das artes nos apontamentos que se seguem. Uma das artes pouco referida e quase desconhecida é a do “molho”! Trata-se de um conjunto de varas enfeixadas, colocadas no rio, onde as lampreias se fixam pela boca para descansar. Os pescadores, com a ajuda da ponteira ou guilheta apanham-nas depois com certa facilidade. Durante a nossa pesquisa não encontramos nenhum destes molhos.

<sup>7</sup> Nos fins de semana e em noites de bom tempo, é frequente ver multidões de forasteiros que se juntam na foz do Cávado para ver os pescadores. A maior parte pretende unicamente ter um contacto visual com o momento em que a lampreia “salta” do rio para o empedrado da rua; outros procuram saber o preço e o número das lampreias entretanto apanhadas, mas poucos são os que as compram. Nestas noites, € 11 o ambiente é de grande confusão, chegando alguns dos curiosos a embarçar os “profissionais”.

cizar a solidão do que para satisfação de um dever.<sup>8</sup>

A esta hora o “paredão” está vazio. As notícias ainda são escassas no que respeita à “qualidade” do ano<sup>9</sup>. O cenário deixa-se apresentar convidativo e acolhedor, não fora o frio que entretanto se faz sentir. Precavido, ocupo o meu lugar de vigilante, munido de caderno de notas e de máquina fotográfica. Como são estranhos estes instrumentos à vigilância das águas! Monto o meu banco provisório no café “Mil Mares”, aguardando impacientemente o início do “Primeiro Acto”.

Entretanto, o sol vai-se aconchegando à noite, em leito de mar. Saio, antecipando a chegada dos primeiros actores, para sentir a água, farejar as algas e o sal. À minha frente todo um palco se abre<sup>10</sup>. Durante breves momentos desperto os sentidos, sacudindo as camadas de pó que a atarefada vida vai depositando, impossibilitando-nos da relação epidérmica. Para os dias que se vão seguir ao longo dos próximos dois, três meses, reservo a atenção para este ritual diário, a conviver com as preocupações profissionais que, entretanto, continuam.

O frio atrapalha-me a escrita e o pensar! Na mente antecipo os temas a salientar, abrindo espaço para a sua manifestação. As experiências anteriores e as visitas frequentes ao lugar haviam munido o caderno de notas de infindáveis possíveis interpretações. A dado momento da espera, senti-me incomodado pela falta de disponibilidade para a surpresa, para o inaudito. Por breves momentos abandono o investigador no caderno, entretanto fechado, e deixo-me viajar para o desconhecido, alongando o olhar no horizonte do mar. Reserva feita, disponibilidade manifesta, ausento-me do conforto e espero!

Entretanto são 21 horas! Silhuetas desenharam-se no contorno da curva e vão aparecendo os primeiros cavaleiros! Chamo cavaleiros a esses homens que chegam montando cavalgaduras mecânicas, como a motorizada ou o automóvel, e ostentam virilmente qualquer coisa que se poderia confundir com as lanças em qualquer torneio medieval<sup>11</sup>! Janela aberta, braço de fora, faça sol, faça chuva, enfrentam a estrada, mostrando ao que vêm.

---

<sup>8</sup> Vários são os que demandam o paredão da foz do Cávado, mas vê-se pela hora em que procuram a lampreia o conhecimento que têm da melhor ocasião para a apanhar. Os frequentadores de “todas as horas” são, não só os que não têm mais nada que fazer, como os que tentam a sua sorte mesmo nas ocasiões em que é pouco provável que apareça uma lampreia. Isto verifica-se mais nas horas diurnas.

<sup>9</sup> Nos primeiros dias da época a conversa anda à volta da “qualidade” do ano, ou seja, se as águas e as primeiras indicações recolhidas durante o mês de Dezembro são promissoras. Normalmente, afirmam os pescadores, a um bom ano segue-se a probabilidade de um ano mau. Mas nem sempre assim acontece; ou melhor, no passado raramente assim era, pois havia muita “fartura” de lampreia, como nos informa o Sr. Marcelino, homem dos seus 67 anos, habituado a estas andanças e morador na freguesia das Marinhas.

<sup>10</sup> Ver fotografia n.º 1 e o espaço na figura 1.

<sup>11</sup> Dado o tamanho do “galheiro” – entre 8 e 10 metros – (ver figura 2), o transporte afigura-se difícil. Como a maior parte vem de longe (seja das freguesias vizinhas, seja da zona dos pescadores, são obrigados a transportar o artefacto pelo exterior do carro ou por cima dos ombros quando vêm de

Estacionado o veículo, prepara-se a lâmpada<sup>12</sup>, sobe-se para o paredão, dispõe-se estratégica e confortavelmente o pequeno banco<sup>13</sup> e agora, olhos fixos nas águas, há que esperar!

### São 23 horas e 30 minutos

Ao longo do paredão perfilham-se 10 homens. De olhos fixos nas águas turvas, impassíveis aos primeiros curiosos do ano, parecendo congelados pelo frio da noite, deixam-se apenas incomodar pelas primeiras lampreias presas nos galheiros<sup>14</sup>. No “bicheiro”, qual pirilampos da noite, cintilam 14 rastos imersos

---

motorizada ou bicicleta. Alguns deixam ficar de um dia para o outro o “galheiro” nas imediações do forte de S. João Baptista, ali ao lado. Mas os frequentes roubos aconselham a não insistir nesse esconderijo. Para limitar estas perdas, fazem marcas nos bicheiros ou pintam-nos. Alguns marcam os seus com as cores do clube do coração (ver foto 2).

<sup>12</sup> Como na maior parte das vezes a pesca se faz de noite, como é o caso nesta narrativa, os pescadores munem-se de luzes para poderem perscrutar as águas e assim ver a lampreia que sobe o rio. O lampião varia de pescador para pescador. Localizado junto à água a iluminar, ele está suspenso por uma corda que tem, no seu extremo, um saco de areia pousado na rua, que o sustenta. Uma vez é alimentado a gás, tipo lampião próprio de campismo, com pequenas botijas da *Campingaz*; outras, com energia produzida por baterias de automóveis com intrincados sistemas de fios e ligações, que, por vezes, são desligados pelos incautos curiosos, o que provoca a mais séria reprimenda por parte do dono. No entanto, aqui o lampião tem mais outro serviço. Ele define a zona de pesca do seu proprietário... Chega a acontecer serem devolvidas ao pescador do lugar da lanterna as lampreias af apanhadas por outro. Trata-se de um acordo de cavalheiros, nem sempre respeitado. Nos momentos de pausa, o local do lampião e do galheiro assinalam a presença de alguém ali, o que demarca a posse do território. A marcação dos lugares tem a sua importância, dado que na zona do paredão há lugares onde a possibilidade de apanhar a lampreia é mais frequente; daí que seja importante ser dos primeiros a chegar para obter esse lugar.

<sup>13</sup> Os bancos onde os pescadores se sentam enquanto esperam, de olhos fixos nas águas, o tracejar de uma lampreia, são, na sua maior parte, muito simples e facilmente transportáveis. Não deixamos de salientar, contudo, o facto de durante algumas noites, na época precedente (1998/1999), nos termos deparado com uma situação insólita: um dos pescadores estava sentado numa poltrona, toda almofadada, em cima do paredão! Nada como essa visão para demonstrar a relação com o tempo de espera que esta arte supõe.

<sup>14</sup> A esta hora, apenas 4 lampreias tinham sido apanhadas. Na zona do “bicheiro”, já se contabilizavam cerca de 12, segundo a informação de um dos pescadores que se encontrava “a varrer” o rio. Nos primeiros dias de cada época a contabilidade das presas transmite-se a toda a velocidade, pois é indicadora da qualidade do ano. E ao mesmo tempo que circulam os números das lampreias, circulam também o nome dos autores das façanhas, dado o valor que estas primeiras lampreias têm no “mercado”. Por estes dias, o preço de uma lampreia andava por volta dos 20 mil escudos! O preço reflecte a “novidade” e explora um comportamento típico dos gastrónomos, que é reivindicar para cada um a primazia, tanto do início do seu consumo, como no número de lampreias entretanto consumidas. O preço vai entretanto diminuindo ao longo do tempo, permanecendo, consoante a fartura ou carestia do ano, por volta dos 9 mil escudos, até cair para os 4 mil, 3 mil escudos em fim de época. Isto apesar de alguns ditados ainda darem ao mês de Abril a primazia da qualidade: “em Abril para mim, em Maio para o amo, no S. João para o cão”. Cremos que a novidade inflaciona os preços, e os preços inflacionados são a razão da procura, pois muitos comem lampreia mais como afirmação de um

em água até aos joelhos. Descendo o rio, impelidos unicamente pela corrente, 4 barcos deixam as redes “varrer” as águas. Chegados à foz, recolhem as pertenças e as “graças” que a fortuna lhes reservou, para logo roncarem a montante e, assim, novamente descerem o rio, num gesto que se repete pela noite dentro, como se de um jogo se tratasse.

Então, isso como vai? Atiro numa falta de jeito indisfarçável. Cá estamos... à espera! José Tomás gosta de conversar e não tem receio em juntar às palavras um olho na água. Ele é um pescador ainda cheio de força e orgulhoso do trabalho, mesmo conhecendo as dificuldades do mesmo<sup>15</sup>. – Isto agora não é como antigamente, quando havia lampreia para todos. Chegava a apanhar vinte e trinta lampreias por noite! Não há quem proteja esta pesca. Bastava apanhar as lampreias pequenas, depois de nascerem, ali na “Barca do Lago”<sup>16</sup>. Quem lá vai, vê montes de pequenas lampreias a morrer, por não poderem vir para o mar. Era suficiente alguém apanhar essas lampreias e lançá-las ao mar, pois elas depois regressam sempre ao rio onde nasceram!

O tempo foi sempre ingrato para o bem e para a fortuna. O “antigamente”, paraíso perdido, é recordado nas palavras de todos<sup>17</sup>. E nestas recordações nostál-

---

estatuto económico, do que como verdadeiros apreciadores, como chegámos a verificar em conversas de restaurante.

<sup>15</sup> Em quase todas as nossas “conversas” com os pescadores, três problemas estavam no centro das suas preocupações: em primeiro lugar, e na razão da importância, estava a questão da barra. A foz do Cávado está muito assoreada, quase impossibilitando o acesso ao mar. Só em certos dias, e em preia-mar, é possível entrar no mar. A própria configuração da barra, assim assoreada, dificulta a subida da lampreia quando começa a preia-mar (o início da melhor altura para apanhar a lampreia). Quando a barra está assim, os pescadores dizem que “a barra está seca”. Esta situação é constantemente relatada por todos os pescadores. E ainda hoje (ano 2002) não está resolvida, podendo-se ver um pano escrito de protesto no porto dos pescadores, onde se reivindica uma resolução do problema: “Para quando a construção da barra?”. O segundo problema tem a ver com o primeiro; ou seja, como não têm acesso ao mar, os pescadores têm necessidade absoluta de pescar no rio, nomeadamente a lampreia e o “machão” (enguia apanhadas muito precocemente e que, por não atingirem a idade adulta, impedem a criação), para poderem sobreviver. Acontece que esta pesca não é fácil. No caso do “machão”, é proibida sua pesca, e no caso da lampreia, a obrigatoriedade das licenças criou guerras e problemas que no ano de 2001 chegaram a níveis nunca antes vistos. Mas dado o valor do “machão” (vendido a intermediários por cerca de 40 – 50 contos, que por sua vez o vende aos espanhóis, e estes, segundo dizem, aos japoneses), correm-se todos os riscos, chegando as autoridades a fazerem várias surtidas no rio e a apreenderem redes, que entretanto os pescadores abandonam, ao vem a polícia marítima. Por último, outro grande problema tem a ver com uma certa arbitrariedade, segundo os pescadores, na atribuição das licenças e nos impostos e seguros que lhes estão subjacentes, nomeadamente no que diz respeito às embarcações e aos motores. No presente ano (2002), a questão do licenciamento dos motores está a causar grande polémica.

<sup>16</sup> Lugar a montante, hoje muito conhecido por ali ter sido construído um empreendimento turístico, e onde existe uma represa que, tanto dificulta a subida da lampreia, como a descida das recém-nascidas para o mar.

<sup>17</sup> Sobre as experiências do passado neste arte, duas são as constantes: a extrema abundância da lampreia – assim como de outras espécies – e os regimes por que foram passando o controlo da pesca. Assim, se antes do 25 de Abril de 74 as regras eram rigorosas e o ultrapassar as autoridades traz à

gicas, ali fomos permanecendo na noite: esperar, olhar, pescar..., sendo a última, infelizmente, tarefa nem sempre cumprida.

## **20 de Janeiro 2000**

22 horas

Enquanto se espera, não convém muita conversa, pois à mínima desatenção é o vizinho que se alegra! Mas hoje não é dia de grandes atenções. É dia de lua cheia, e os “bichos” não aparecem... – O peixe vê e foge da claridade, diz-nos Sérgio. O nosso homem pode conversar um pouco<sup>18</sup>. Vê-se, inclusive, que quer mesmo conversar para não deixar crescer o desgosto. Estava ali há duas horas e ainda nada! Sérgio era agricultor, mas gostava de se apresentar como pescador<sup>19</sup>.

---

lembrança façanhas cheias de recortes pitorescos e corajosos, como seja fingir a polícia marítima na zona da foz, como nos conta com alegre memória José\*, procurando continuamente entre os companheiros assentimento ao que dizia; depois de tal data, em bom regime revolucionário, acabaram-se todos os impedimentos, chegando-se ao descontrolo que se verificava ainda em fins dos anos 90, com a vinda de muita gente que nem pescador era, apesar de entretanto novas regras e novas proibições já estarem a ser implementadas. Eram estas mudanças que estavam a causar um mal estar visível em todo o lado. Assistimos, no ano 2001, a cenas muito azedas entre a autoridade marítima e pescadores e pretensos pescadores. Acrescente-se que parte desse mal estar advinha de um processo mal conduzido de atribuição de licenças, fomentando rivalidades entre pescadores de Fão e de Esposende, bem como o compadrio, dado haver pescadores que não tinham licença, ao contrário de outros que, apesar de terem outras profissões, nomeadamente na administração local ostentavam essas licenças!

<sup>18</sup> Na verdade, quando fomos ao encontro deste pescador ele estava a descansar. Nas duas épocas em que fizemos o trabalho de campo, existia junto da foz um café/bar de nome “Mil Mares”, onde os pescadores e curiosos, para além dos outros clientes, se abasteciam de tabaco e de uma bebida para aquecer a noite. Todo o espaço público da foz do Cávado servia para o convívio e para alimentar conversas, onde a que versava a vida dos pescadores era a mais frequente. Quando estavam muito tempo sem apanhar qualquer lampreia, os homens desciam o paredão e faziam uma pausa. Fazer ou não essa pausa era algo de angustiante, principalmente quando esses breves momentos coincidiam com a pesca de uma lampreia por parte de um colega, próximo do lugar onde se encontrava. Nessa hora maldizia-se a sorte e surgiam variados comentários, tanto do próprio como de algum familiar, sobre o valor da persistência na espera. Um dia, 19 de Fevereiro, assistimos à reprimenda de um pai ao seu filho, quando estavam juntos a tomar um café. Depois de escutarem o alarido produzido aquando da pesca de uma lampreia, segredou-lhe em tom reprovatório: “Elas não vêm aqui ter contigo!”. Em muitas ocasiões, quando alguém pousava o “galheiro”, outro, normalmente um amigo ou familiar, ocupava o seu lugar, para garantir que a sorte não o iria fingir.

<sup>19</sup> A condição de pescador merece contínuas reflexão por parte dos intervenientes, mesmo que não partilhem todos das mesmas opiniões quanto à defesa dos interesses do grupo. Na diversidade de origem destes pescadores, desde os profissionais até aos que só aqui aparecem por ocasião da pesca da lampreia, estará a razão dessa diferença de posição. Esposende, antigo e pequeno lugar de pescadores (Leitão 1908; Vieira 1915; Brandão 1923; Santos 1968; Moreira 1987), convertera-se nas últimas décadas em lugar turístico, como aconteceu com muitos outros lugares da costa portuguesa. O problema está no facto de Esposende ter investido numa forte especulação imobiliária, fazendo com que as habitações nesta cidade sejam das mais apetecidas e, por isso, das mais caras da costa norte de Portugal! A actividade piscatória assemelha-se a um “resto” que permanece, quase para efeitos de

– Os da Apúlia e os do Castelo ainda têm quem os defenda. Nós não temos ninguém. Vê esta barra? Não podemos pescar assim! Alguns pescadores passam fome! Eu gostava de ser pescador, mas era impossível assim... Sérgio vira-se para a foz e deixa a tristeza alimentar-se de mundos possíveis. Segue-se o olhar e tenta-se descortinar o seus pensamentos ao longe. Os desejos sentam-no numa resignação sofrida.

Todos gostam de opinar, mas alguns, “estrangeiros” ao rio e ao mar, chegam a manifestar total ignorância no que se refere à lampreia, fora a arte de a pescar e de a comer<sup>20</sup>! Os pescadores, por sua vez, são muito cuidados no que dizem. Designar o nome de tão estranho animal obrigava a uma pequena paragem, como querendo surpreender o forasteiro: – “ciclóstomo”! Não é um peixe, esclareciam. A aparente nobreza da designação conferia ao que a pronunciava um estatuto de erudito.

---

tipicidade, mesmo que várias famílias ainda se mantêm exclusivamente das artes da pesca. Estas têm cada vez mais dificuldade em encontrar um lugar dentro da sociedade. Na sua maior parte estão localizadas perto do porto de pesca, se bem que os pescadores que querem dedicar-se à pesca com os recursos que a tecnologia e o comércio hoje exigem têm de se deslocar para outras paragens (Matosinhos, Viana do Castelo, Aveiro e até Espanha). A perda de influência é sentida pela comunidade piscatória, tanto nas dificuldades em ter acesso à habitação, na sua maioria social (e presentemente essa habitação social está a ser deslocada para o interior do concelho por causa dos valores especulativos dos terrenos dentro do perímetro da cidade), como nas suas tradições culturais e religiosas. Veja-se o caso de um protesto em 2001 pelo facto de uma procissão da cidade não ter passado no seu bairro e pelo quase esquecimento do resto da cidade do seu tradicional desfile de S. João. A maior parte das famílias tiveram que se adaptar às novas profissões, como por exemplo as da administração local e do turismo. Outras famílias, mais do interior, viraram-se para a agricultura, mesmo mantendo as licenças de pescador, como foi o caso do Sérgio. Se, entre os que estavam no rio em embarcações, a percentagem de pescadores que se dedicavam à actividade em exclusivo era de cerca de 45%, nos que estavam no paredão, essa margem descia para os 5% (e dependendo dos dias, pois dias havia que nenhum dos que ali estava era pescador de profissão). Sérgio era solteiro e tinha 27 anos. Chegou à conclusão de que o pescador não tinha quem o protegesse; por isso, comprou uma carrinha Toyota por 4000 contos e agora vende produtos agrícolas nas feiras. Aos 27 anos era difícil manter uma família com o dinheiro da pesca; por essa razão ainda não casara, situação que pensa vir a ultrapassar, dada a nova condição. No passado havia perdido na barra um barco de 7 metros, com um motor que lhe havia custado 800 contos e redes a valer 200. Culpava a areia ali depositada e a falta de protecção da barra.

<sup>20</sup> Muitas vezes escutei afirmações como “hoje é o último dia da lampreia” (19 de Fevereiro), quando, de facto, nem um dia oficial existe para demarcar o início ou o fim da pesca, no caso do paredão (já na estacada não se passa o mesmo, como veremos mais tarde). No dia 26 de Fevereiro, encontrei Fernando\* que tinha um discurso totalmente diferente daqueles que escutara anteriormente. Estava ali sozinho. Fernando era um “ex-pescador” que havia trabalhado em Sines (tinha carta de mestre, mas não licença de pesca) e agora era trolha. Segundo afirmou, houve um dia em que pescara 6 lampreias. Fernando não aceitava o comodismo dos pescadores, que se desculpavam com a barra para recorrerem a todas as estratégias a fim de receberem subsídios. Ao contrário dos pescadores, dizia, ele não tinha os apoios da segurança social. Via-se neste homem uma estratégia de desmistificação do discurso sempre presente ali no paredão, e que ele muitas vezes escutou enquanto entrevistávamos os pescadores. Aproveitou o dia em que estava sozinho “para esclarecer algumas coisas”!

Quanto à arte de comer a lampreia, alguns pescadores desconheciam certos pratos de lampreia confeccionados noutras localidades, como por exemplo no vale do Minho (por exemplo, a utilização

No meio do rio saltavam gritos de euforia. Era mais uma que não ultrapassava a barreira dos barcos. Hoje já se contabilizavam cerca de seis manifestações semelhantes. Não era grande noite<sup>21</sup>! – Mas vamos ver se alguma coisa, com sorte, vem aqui parar! Sérgio voltou os olhos para o seu “quintal” e, na noite fria, continuou à espera do “loto”, que o mar teimava em não sortear por aqueles lados.

## 10 de Fevereiro 2000

23 horas<sup>22</sup>

Aos 77 anos o Sr. Januário deixou de ter paciência para espiar a fronteira do mar. Agora prefere contabilizar esperas e momentos de alegria... – Quantas já estão no papo Tone? Olha ali o Manel\* já tem duas! E assim vai contornando os galheiros que se atravessam no caminho. – No meu tempo cheguei a pescar 20 lampreias em meia hora!... As lampreias apegavam-se a nós! Notava-se um riso de saudade! – Mas não se pense que era tudo facilidades! É preciso saber pescar a lampreia. Alguns, mesmo que elas se agarrem às botas, não as conseguem apanhar! Resmungava por entre dentes, num olhar irónico para o novato recém chegado.

A disputa pelas melhores posições<sup>23</sup> vence-se chegando o mais cedo possível. Depois divide-se o “talhão” de rio para cada lâmpada. É a luz dela que define a pertença da gratuidade do rio: “à noite a lampreia pertence à luz”.

Na noite anterior um pescador havia sofrido um acidente no molhe, tendo vindo a falecer. Hoje não se via ninguém no local da fatalidade<sup>24</sup>. José, comentan-

---

da lampreia no cozido à portuguesa, a lampreia frita e assada, os processos de seca da lampreia e a lampreia de fumeiro, etc.), dado que aqui em Esposende os pratos mais conhecidos e praticados são o “arroz de lampreia” e a “lampreia à bordalesa”.

<sup>21</sup> Neste dia estavam, pelas 22 horas, 27 homens no paredão, 32 no “bicheiro” e 7 barcos a “varrer o rio”.

<sup>22</sup> Ao longe estão 7 embarcações. Estão a “varrer o rio”, diz-nos o Sr. José, deslizando até à zona da foz, onde recolhem as redes de tresmalho com que percorrem, à deriva, o rio. Posteriormente voltam a subir o rio a toda a velocidade, respeitando a posição dos colegas, para voltar a descer. No paredão, encontram-se 27 homens, olhando continuamente as águas que cintilam às lâmpadas que se lhes avizinham. No Bicheiro, podem-se contar 35 pessoas. Se queremos tirar um média da presença de pescadores, nos primeiros quinze dias de Fevereiro de 2000, nesta zona da foz do Cávado, podemos fazê-lo a partir dos valores mínimos e máximos verificados. Assim, na zona do “bicheiro”, verificámos a presença de entre 22 e 35 homens, no paredão de entre os 17 e os 37 (o dia mais frequentado) e, quanto aos barcos, entre 7 e 12. Numa noite excepcional, diga-se, chegámos a contabilizar perto de 200 pessoas na pesca à lampreia.

<sup>23</sup> Como já vimos, a melhor, segundo dizem, é onde o paredão tem a curva mais acentuada.

<sup>24</sup> Alonso (1989: 321) faz referência às superstições que estavam ligadas aos afogados: “es mala señal cuando hay un ahogado, y al venir sin pesca dicen: “Eche ditamen de vellos, debe haber home morto no río””. O homem que morreu encontrava-se a pescar no molhe, junto à praia. Uma onda havia-o levado, com outros três colegas. Eram cerca das 24 horas e 40 minutos. Os colegas conseguiram salvar-se, nadando para o molhe, mas o desafortunado apareceu na manhã deste dia na praia de Fão.

do o sucedido, diz que também já havia caído uma vez ao rio, mas tinha voltado à pedra onde se encontrava. Nessa ocasião ainda conseguiu apanhar uma lampreia, depois da queda! As quedas, mais no passado, tinham, normalmente, uma razão: “– era a “groselha”!” O frio da noite combatia-se com vinho tinto, um “lodo” a que por vezes não se conseguia resistir, e daí as quedas.

Ao nosso lado, um pescador, orgulhoso, afirmava que já ia na vigésima segunda lampreia nesta temporada. O problema este ano era o preço da lampreia<sup>25</sup>. Estava, na opinião de todos, muito baixo. O intermediário, que entretanto apareceu, discutia com os pescadores, começando por se recusar a pagar os 5000 solicitados, pois as melhores lampreias<sup>26</sup>, segundo ele, eram vendidas directamente pelos pescadores, ficando ele com as piores.

## 10 de Março 2000

23 horas

Nos últimos dias a foz viu alterado o seu fio de areia<sup>27</sup>. Na zona do “bicheiro”, os homens podem entrar pelo mar cerca de 200 metros<sup>28</sup>. Partem à procura

---

<sup>25</sup> O preço rondava, nesta altura, os 5.000 escudos. Há vários mercados para a lampreia: o curioso e o particular que vem ao paredão ou à ponte de Fão comprar; os restaurantes que se abastecem quase sempre junto dos mesmos pescadores; os intermediários que as vão vender, tanto a restaurantes como a particulares ou a viveiros. Estes últimos são os que mais capacidade de negociação têm, visto que, em dias de grande pesca, ficam com as lampreias que ninguém quer. Os pescadores confidenciaram que vendiam às outras pessoas por 7000 escudos, o que lhes compensava muito mais. No entanto, diziam, precisavam do intermediário porque era ele que despachava a maior parte das lampreias que pescavam.

<sup>26</sup> A qualidade da lampreia vê-se não só pelo tamanho, como pelo sexo (sendo as fêmeas mais valorizadas), pela rigidez e pelo sangue (uma lampreia que tenha perdido o sangue fica à partida impedida de ser cozinhada com arroz, restando as outras possibilidades gastronómicas). As artes da pesca influenciam esta qualidade: as lampreias apanhadas nas redes permanecem vivas, podendo ser levadas para viveiros e posteriormente consumidas, enquanto que as apanhadas no galheiro podem morrer dos ferimentos ou perder o precioso sangue para o arroz de lampreia (se bem que existam formas de contornar esta questão, nomeadamente pela utilização de outro sangue, etc.). De todas as artes, a que mais fere a lampreia é a da “fisga”, que se pratica na ponte de Fão.

<sup>27</sup> Durante o tempo de investigação, assistimos a várias configurações da foz do Cávado. Este parece ser o maior problema com que se têm debatido as autoridades marítimas e portuárias, e a Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende. A última zona dunar, a norte da praia de Ofir e a restinga sofrem consequentes investidas das marés, ora destruindo-as, ora abrindo novas entradas para o mar. No dia 4 de Fevereiro de 2000, em baixa-mar, o rio desembocava no mar através de dois canais, nascendo uma espécie de ilha na foz do Cávado, o que obrigava a cuidados e a mudanças de estratégias, tanto para os que estavam nos barcos, como para os do “bicheiro”. Neste Inverno 2001/2002, as autoridades colocaram no rio uma draga para levar areia do rio para a reconstrução dessa zona da restinga e, assim, proteger a marginal de Esposende das tempestades. Mas a sua tarefa parece resultar inglória, julgando os especialistas que só trabalhos consistentes na barra poderão resolver este problema.

<sup>28</sup> Nestes dias, a maior parte dos pescadores opta por pescar no “bicheiro”. Devido ao enorme assoreamento, a barra torna-se praticamente indefinida, permitindo entrar pelo mar dentro. De pé, os

daquela que teima em não vir. Do lado do paredão escutava apenas as luzes dos seus lampiões. Era-me impossível ir para junto das vozes de alegria daquela noite<sup>29</sup>. Não dispondo de um barco, a solução era dar a volta por Fão.

Estaciono o carro no ponto final da língua de caminho que vai de Ofir para norte, e percorro o longo areal da praia. A noite promete e o frio (cerca de três graus<sup>30</sup>) também não quer estar ausente. Enquanto caminho pela superfície lunar, e já não dunar, tendo por única companhia o silêncio e a lua por cima, assalta-me o medo de não estar suficientemente agasalhado, temendo, para além da constipação quase certa, a reprovação daqueles que queria entrevistar. Provavelmente não levariam muito a sério um tolo em tais trastes. Parei junto da primeira fila de pescadores. Durante minutos fui assistindo, esperando compreensão por não ter comigo umas botas que permitissem ir ao encontro dos pescadores no meio das águas. A sorte estava do meu lado! Passado algum tempo, parece que surpreendido pela visita, um pescador veio até mim. Ao chegar junto do local onde me encontrava, pousou a lanterna<sup>31</sup> e colocou-se a meu lado. Ali chegado, não dava ares de surpreendido, mas sim de companheirismo! Sem olhar para mim, antes para os colegas, lá desabafou: “– isto está um frio do raio!” Concordei. Ele estava ali para descansar um pouco e para ajuizar da possibilidade de voltar para o rio.

Com lanternas penduradas ao pescoço, os pescadores inspeccionam as águas, como se diligentes funcionários de alfândega se tratassem. Há que não deixar passar nenhuma lampreia! Ao contrário dos do paredão, estes são mais silenciosos, deambulando de lado para lado, mas procurando não desfazer a formatura em linha. O espaço é maior e a sorte pode espreitar sempre mais ao lado. Olham-se

---

homens parecem navegar sobre as ondas. Procuram a zona de rebentamento das ondas para melhor verem as lampreias que se afoitam ao rio (veja-se a foto 3).

<sup>29</sup> Naquela noite, o “bicheiro” era o local onde mais lampreias apareciam, contabilizando em 12 vezes as manifestações de regozijo.

<sup>30</sup> As temperaturas nocturnas nos meses de Janeiro e Fevereiro rondaram os 2-3 graus positivos. Durante o dia, apesar de estar uma temperatura mais agradável, ela estava sujeita a grandes variações, nomeadamente no ano de 2001, em que quase todos os dias chovia. Saliento a presença dos pescadores -enfrentando qualquer tipo de tempo ou temperatura- nos dias 10 de Março de 2000 (do qual damos um esquema das presenças na figura 4) e 3 de Abril do mesmo ano. Ao contrário dos outros dias, extremamente frios, no dia 10 de Março (24 horas) estava uma temperatura excelente: cerca de 19 graus positivos! Foi essa “noite de verão” que encheu toda a foz de uma festa cheia de sons e de luzes (numa das contagens, cerca de 164 pescadores). Já no dia 3 de Abril chovia torrencialmente, com uma temperatura a rondar os 2 graus positivos (22,30 h). Estavam 9 pescadores no paredão, dois barcos no rio e 4 pescadores no “bicheiro” (um caso raro em dias com estas condições).

<sup>31</sup> Os homens que se encontram no “bicheiro” transportam aos ombros as lanternas com que alumiam as águas. Utilizam lampiões a gás com uma protecção em metal, que não só os protege, como orienta a luz para a frente. Ter que enfrentar as ondas, mesmo sendo neste dia pequenas, caminhar dentro de água com botas de pescador e, ainda por cima, carregar as lanternas, é serviço que exige alguns momentos de descanso.

as ondas, sente-se o vento, verifica-se a maré. Tudo serve para escolher o local mais propício. Estamos no sítio onde, quando as melhores condições se somam, mais lampreia é apanhada<sup>32</sup>. Num momento, todos os olhares se voltam para mais um sorteado. Era uma grande lampreia! Vem junto da areia expor o trofeu, atraído pelo flash da minha máquina. “– Isto é que é uma bicha, não é?” Digo que sim e felicito-o, cumprindo a minha parte. “– Parece uma cobra”, explica o nosso homem. “– Não tenha medo!” Incentivava-me a pegar na criatura, gozando com a repugnância indisfarçável<sup>33</sup>.

No “bicheiro”, as luzes rasgam a noite, deixando marcas e pontos de referência. O frio é sentido por todos, mas o sacrifício compensa. Neste momento, cerca de uma hora da manhã, três grupos vão cortando as águas pouco profundas. Contabilizadas 16 lampreias, está-se no meio de uma noite que tem obrigação de ser mais generosa.

Faroleiros ambulantes, os homens aguardam o momento da excitação! \_\_\_\_\_

## 27 Março 2000

9,30 horas

Poucos estão no paredão, esperando a lampreia. O dia não está de fortuna. Um neblina, resistente ao sol, teima em esconder o fio do horizonte. No entanto, alguns espelhos doirados começam a reflectir o recém chegado.

Sentados na espera, os homens deixam transparecer a marca de uma identidade estranha ao lugar. A exaltação das paixões tem momentos, lugares e relações apropriadas. Ali, no paredão, o palco privilegiado de exibição de uma arte, há que afirmar quem somos e ao que vimos, definindo o que nos pertence e sentimos como nosso, e o que é estranho, marca do diferente. E se os cavaleiros marcavam nos escudos as suas armas e a glória da família, alguns dos pescadores da lampreia do paredão marcam as cores da paixão e do abandono nos galheiros que os ligam ao serviço a que vieram, ao rio, à presa. Uns pintados de verde, outros de vermelho, outros ainda de azul, sempre acompanhados do inevitável branco, os galheiros

---

<sup>32</sup> Um pescador que percorra os vários pontos de pesca sabe quando deve ir para o “bicheiro”. São estes os que apresentam o melhor coeficiente de sucesso. António\* diz-nos que está quase a atingir o número de 500 lampreias, o que espera vir a acontecer até ao fim da campanha! No paredão, o que se pode atingir para os melhores e mais assíduos, salvo raras excepções, é o número de 150.

<sup>33</sup> A forma e fealdade da lampreia é causa de muitas superstições. De nome feminino, como a cobra, segue muitos dos medos associados àquele réptil, nomeadamente na sua relação com o mundo feminino. Ao compará-la com a cobra, muitas interdições caem sobre a lampreia, como a de não a comer quando se está com a menstruação. Há ainda quem aconselhe as grávidas a não a comer, temendo que as manchas que se encontram no corpo possam passar para a pele da criança que transportam consigo.

identificam os sentimentos daquele que o sustenta em garbo e em dedicação<sup>34</sup>.

E quando se fala de amores, fala-se de desamores! “– Estou morto que venha o tempo da lampreia para fugir à minha mulher! Digo que venho à lampreia...” Estêvão ri-se da desculpa, que nem é propriamente uma mentira. Ali está ele ao frio..., mas livre da mulher! Antes, livre de ter uma hora certa para entrar em casa. “– A gente mostra o dinheiro que ganha com a lampreia e não há mulher que lhe resista”. Não lhe importa o frio. O que gosta é de estar ali com os amigos ou, para ser mais correcto, com o vício da lampreia<sup>35</sup>. Raramente o pescador tem um palco e uma plateia. Seja em cima da ponte de Fão, seja ali no paredão, o homem redime a solidão do alto mar ou mesmo a do rio. O grande momento, desenhado em gestos e lances rápidos e precisos, volteia as cabeças dos espectadores. Momento de triunfo, o da exibição da lampreia no fim do meio círculo que a trouxe do rio à calçada da rua<sup>36</sup>. Bailarino principal, agora, o pescador deixa a

---

<sup>34</sup> Alguns dos pescadores pintam as cores dos seus clubes nos galheiros. Durante a época vi um com as cores do Sporting, outro com as do Benfica e outro com as do Porto. As paixões e discussões associadas aos “três grandes” são frequentemente referenciadas nas interpelações feitas pelos presentes, bem como pelos forasteiros. Estes, como pude comprovar, tinham tendência a chegarem-se junto do pescador que representava as cores do seu clube amado! A maior parte dos Galheiros não são pintados, apesar de ostentarem alguma marca que identifique o seu dono, quando guardados nas vizinhanças. Deixar passar para o Galheiro sinais de pertença e de identidade prova a íntima ligação que se estabelece entre utilizador e objecto. Deixar a marca própria é querer apelar à sorte um destino mais seguro. Um destino que se partilha em outros momentos da vida. Trata-se de um acto de paixão.

<sup>35</sup> A pesca à lampreia, para além de uma actividade económica, como tantas outras, é, sobretudo para aqueles que chegam a programar as férias para esta ocasião, um momento ímpar do ano. São muitos os que organizam as férias em função da lampreia, principalmente pessoas anteriormente ligadas à actividade da pesca. Fora de casa, desligados do trabalho rotineiro, ali estão de pé, sentados (no ano de 1999 cheguei e ver um pescador sentado num sofá, em cima do paredão, como já referimos!), esperando, numa espera que redime a vida, de tão banal que é.

No entanto, muito foi mudando ao longo dos anos, no que se refere às regras do jogo que regem a pesca da lampreia. Se depois do 25 de Abril campeou uma certa desregulação, como dissemos anteriormente, e foram atraídos para a pesca à lampreia muitas pessoas que nada tinham a ver com a profissão de pescador, nos últimos anos, a partir de 2000, começaram a notar-se as restrições e as imposições sobre esta actividade. Em 2001, chegámos a ver grandes discussões entre a Guarda marítima e alguns pescadores, nomeadamente quanto à falta de licença, e ao posicionamento da luz sobre as águas. No que respeita ao último caso, as discussões chegaram quase à agressão, até porque os agentes que vinham à foz queriam fazer cumprir uma lei que não se adequava minimamente àquela prática. Sem luz, como é que podiam ver a lampreia a subir o rio, para depois lhes espetar os anzóis do galheiro? Um pescador, António\*, desobedecia ostensivamente e recusava cumprir o que pedia o agente, alegando que tinha falado numa reunião com as autoridades, tendo o comandante de Viana do Castelo concordado com a sua opinião, pelo que a lei geral não se podia aplicar ali. Mas para a época de 2002 havia quem dissesse que iria ser exigido aos pescadores do rio que se organizassem em companhias, como os da estacaria. A maior parte concordava que tantas exigências e imposições nada tinham a ver com a protecção da lampreia, mas com a fome de impostos do estado!

<sup>36</sup> Se em qualquer tipo de pesca onde estejam vários pescadores, a captura representa um momento de superação de uma prova, onde os outros presentes também competem, no caso da pesca da lampreia, tanto com a fiska como com o galheiro, essa rivalidade é notória. Entre todos os que estão à espera da lampreia, aquele que a apanha com os anzóis da ponta do seu galheiro sente-se confortado pelos

lampreia por breves momentos traçar uma coreografia de dor e de morte. Sendo necessário, exhibe-a num plano mais próximo aos olhares da assistência radiante, principalmente aos miúdos assustados mas curiosos, antes de a colocar dentro de um saco. Seguro o trofeu por um longo fio, lança-o ao rio, no lugar sua propriedade, para preservar uma vida condenada e manter por perto a ostentação da vitória.

Entretanto o silêncio dos rostos volta. Olhos fixos, atenção desperta, os sentidos correm, partem, voltam, como querendo lavar uma alma que tem todo o tempo do mundo para se curar. Sacrifica-se a lampreia neste ritual. Mas mais do que vítima, ela é uma cúmplice dos sonhos e das esperanças que a vida quotidiana teima em não cumprir. O mundo anda rapidamente? Pois esperemos!

### 15 de Março 2001 2 horas da manhã

Hoje o palco era mais exíguo<sup>37</sup>. Julgava-me mais no tecto de um palco, onde se jogam as sortes das personagens: umas vezes, em belo jardim, outras – no acto seguinte –, em funesto casebre. Mas ali não se subiam cenários ou desciam adeços programados. Daquele local lançavam-se uns objectos estranhos<sup>38</sup> sobre os verdadeiros artistas que subiam à cena. Chamam-lhe a arte da “fisga”!

Os artista mudam constantemente de lugar<sup>39</sup>, atraídos pelo golpe de sorte de um companheiro, ou por mera intuição. Uma mudança de corrente, uma espera

---

olhares de inveja dos vizinhos. A frequente contabilidade que os presentes vão fazendo, acentua essa posição de predominância e de inveja. Alguns pescadores sentem-se no dever de se justificar por ainda não terem pescado qualquer lampreia, acusando o posicionamento que lhes foi reservado, uma ou outra distração momentânea, ou que “a malandra” passou-lhe ali mais ao largo, etc.. Com frequência, defendem o seu estatuto com relatos de anteriores pescarias, onde os seus créditos podem ser atestados. Há, claramente, uma relação entre o sucesso da pesca e a afirmação da virilidade. Uma pesca de homens, mesmo que, posteriormente, possa vir a ser um peixe de mulheres (Motta-Maués 1999).

<sup>37</sup> Os pescadores que apanham a lampreia à “fisga”, em cima da ponte de Fão, têm apenas o espaço do corredor externo da ponte, destinado à travessia dos peões. Em dia de fortes presenças de pescadores (neste dia contabilizei 18, mas há dias com maior número de pescadores), o espaço revela-se extremamente pequeno (uma passadeira com cerca de um metro de largura). Nestas ocasiões, a confusão pode chegar a expressões surrealistas. A confusão e o perigo aumentam quando a lampreia logra escapar às investidas a jusante. Então, descurando o perigo da estrada, atravessam com grande dificuldade a estrutura de suporte da ponte e a faixa de rotação para tentarem a sorte a montante.

<sup>38</sup> A “fisga” consiste numa vara que ostenta na sua extremidade uma espécie de pente. No fim do cabo, junto ao pente, está preso um fio resistente, o qual serve para trazer de volta a “fisga”, depois de lançada de cima da ponte sobre a lampreia que sobe o rio (ver figura 2).

<sup>39</sup> Ao contrário do paredão, onde o espaço de pertença está definido pela luz, aqui na ponte não existem regras que definam a quem pertence a lampreia! Mal se percebe um movimento, uma imagem, logo todos correm para o local que promete, tentando a sorte de acertar no vulto que se insinua. Não são raras as vezes em que se discute a oportunidade do lançamento ou a infelicidade provocada pelo vizinho. “Pode-se dizer umas “caralhadas”, mas logo fica tudo bem”, dizem.

prolongada sem fortuna, um simples incómodo de vizinhança, e lá vai outra mudança! Na ponte, a sorte procura-se em constante angústia, maldizendo-se o infortúnio<sup>40</sup>. “– Foi aquela puta que me viu! Maldita sorte! Hoje não vou conseguir nada. Botou-me feitiço... a puta!” Os colega compreendem-lhe o desespero, mas culpam mais a falta de arte.

“– Hei!!!!... Vai, vai..., atira à filha da puta! Foge daí parolo... num embaraces!”

“Fui eu que a vi, C. (...)! Cuidado, pá! F. (...), tu partes-me tudo!”

É uma correria de gente para o lado de Gandra. No ar voam armas que se embarçam, se anulam, em chuva desordenada. As que se embatem logo em pleno arremesso, são as primeiras a regressar por entre culpas alheias. Para as que se perderam nas águas escuras voltam-se todos os olhares. Qual será a vencedora do torneio? O seu dono já sabe dos sentidos a sorte do lance. Enquanto firma a corda que prende a “fisga”, as convulsões da lampreia saltam-lhe nos músculos. Temeroso, mas já orgulhoso, reza para que a sorte não lhe caia no rio. Enquanto, esvaída em sangue, a lampreia é exposta à vizinhança, o resto do grupo redistribui-se pela ponte expondo razões da má sorte.

Ao meu lado, André permanecia calmo. Já tinha uma lampreia presa às ferragens da ponte. Não tinha medo em correr para o sítio certo, mas raramente o fazia com a algazarra dos companheiros. Via-se que era experiente na arte. O tempo passava e André, vendo a minha curiosidade, e desafiando o rio, propôs-me uma viagem pelo rio para mostrar as outras artes, principalmente uma que era do conhecimento de poucos: a “pesca à tona”!

Descemos para o barco, ancorado nas proximidades. Eram cerca de três horas da manhã e fazia um frio atroz. Na ponte, a agitação continuava em grande forma. Já dentro do rio, passamos debaixo da ponte e vamos descendo até junto da marina dos pescadores. André conhece o rio como as suas mãos. Subimos e descemos, sempre com a certeza de contornarmos os bancos de areia, omnipresentes no Cávado. Uma estrada mental, com coordenadas definidas em pontos-chave reflectidos na retina de André, parecia desenhar-se no absurdo dos meus medos. Paramos uma, duas, três e mais vezes. Cumprimentamos dois barcos que varriam o rio, afastando-se em diligente serviço doméstico.

Enquanto subíamos e descíamos o rio, farejando a sorte, contornámos várias vezes a estacaria<sup>41</sup> que afunilava, deitada um pouco a leste, em forma de V largo

<sup>40</sup> A fisga exige perfcia. Alguns regressam a casa amaldiçoando o diabo e os santos, mas a razão que os companheiros dão vai mais para a incapacidade do artista!

<sup>41</sup> A estacada que vemos próxima da ponte de Fão (foto 4), a maior parte das vezes a jusante, pertence a cinco “companhas” de pescadores, devidamente regulamentadas e com licença própria, outorgada pela capitania de Esposende. Cada ano a Capitania concede licença a um “Mandador”, o qual reúne uma “companha”, que pode ir de 6 a 12 homens. Na licença respectiva consta, em primeiro lugar, o Número do Grupo (no caso que estudamos, em que o Mandador era o Sr. Artur Hipólito da

e enganador. Os pescadores que não fazem parte das companhias culpam-na da destruição da lampreia: ali nada passa! Deviam acabar com as estacas<sup>42</sup>! Mais do que o temor do desaparecimento da lampreia, o que verdadeiramente rala é ver a quantidade de peixe que ali fica preso. Aquele é um território com as suas próprias leis e mordomias. Território inimigo, pertença de amigos mais afortunados.

Quando espetávamos a proa do barco numa ilha da margem esquerda, não antes de André levantar o motor à popa, ficávamos a ver a marginal de Esposende. Mas aquela não era uma viagem de turismo. O nosso pescador é exímio na arte de perceber o efeito provocado pela lampreia na superfície das águas, em condições apropriadas. Tem de ser a hora em que as águas estejam quase paradas. Ajudado pelas luzes da marginal, espera-se essa marca inconfundível. Descoberto o rasto desenhado na superfície das águas, liga-se imediatamente o motor e vai-se atrás da malandra! Isso é o que o André diz quando vê o tal sinal “à tona”, pois hoje, para arrelia dos dois, ficamos pelas explicações.

---

Silva, o seu Grupo era o N.º 4, e era constituído apenas por cinco pessoas, sendo elas irmãos do Mandador); depois, consta a designação oficial da Licença: “Estacada da Lampreia Montada no Ano de 2001”; segue-se o nome do Mandador, em lugar de destaque, para logo constarem, dentro de um quadro, todos os nomes da companhia, incluindo o do mandador, com os respectivos números de cédulas de pesca e lugar onde as obtiveram. Esta licença vem assinada e com carimbo branco da capitania. A pesca nas estacadas começa oficialmente em 15 de Janeiro e vai até Maio, mas, segundo o nosso informante, acaba por volta do dia 15 de Abril. Dado as cinco companhias terem os mesmos direitos e os dias de pesca serem aleatórios no que respeita à possibilidade de pesca e à quantidade de lampreias pescadas, faz-se um sorteio que irá determinar a ordem das companhias, pelo que a cada noite corresponde uma companhia. Finda a série, há um defeso de três dias, depois dos quais se retoma a ordem estabelecida no sorteio. Cada companhia coloca as redes nas estacas ao pôr do sol e retira-as no dia seguinte, ao nascer do sol. De acordo com as marés, por vezes colocam-se as redes antes do pôr do sol, dada a dificuldade em realizar essa tarefa quando a preia-mar coincide com o pôr do sol.

A estacaria pertence aos membros das companhias, sabendo cada um, de entre as trezentas estacas com cerca de 4 metros que a compõem, quais as estacas que lhe pertencem. Isto porque cada membro fornece estacas para a estacaria, colocando nelas uma marca determinada, normalmente incisões, punções ou formas particulares de as aguçar, dado que as marcas feitas com tintas são facilmente removíveis, o que facilita o roubo. Quando é necessária a sua remoção ou substituição, no caso de ficarem danificadas, é o dono da respectiva estaca que deve realizar o trabalho. A pesca na estacada é uma das mais rentáveis entre as várias observadas. Se bem que haja uma distribuição do pescado entre os membros da companhia e só possam pescar de oito em oito dias, os nossos informantes referem números avantajados quanto às lampreias pescadas: uma média de 80 lampreias por noite! Se, de um conjunto de cerca de 5 noites, contabilizámos números que iam de um mínimo de 100 a um máximo de 400 lampreias, entre todas as artes presentes no Cávado até à ponte de Fão, verificamos que o número da estacaria é o segundo mais representativo, depois do da pesca por tresmalho, a “varrer” o rio, com uma média de 150 lampreias (mas com mais pessoas envolvidas).

Dado o valor desta arte, muitos gostariam de pertencer a uma companhia, mas as licenças estão restritas às existentes. O Sr. Artur contou que um Mandador vendeu a sua licença, apesar de tal ser, pelo que ouvimos, um facto raro, dado ela se apresentar como um direito adquirido sem contrapartidas económicas e ter mais um carácter económico ligado à herança.

Nos pescadores da estacaria não foi recebido de bom grado o seguro obrigatório para a “companhia”. O Sr. Artur falou em valores a rondar os 200 contos para segurar a sua “companhia” de cinco homens.

<sup>42</sup> Trata-se de uma das modalidades que mais incompreensões provoca entre os intervenientes.

Ainda esperámos pela aula prática, mas alguém se esqueceu de comparecer. Eram já cinco horas da manhã e nem um sinal denunciador! Regressámos com a convicção de a culpa estar na luz da lua, nossa companheira toda a noite!

## Abril de 2001

“Em Abril para mim...”<sup>43</sup>! Depois de tantas investidas no rio e na foz do Cávado, só em Abril abanquei, convidado pelo meu amigo Moura, em frente a uma travessa de arroz de lampreia. Ali estava, dividida em nacos escuros e dissimulada no negrume do sangue, a razão de tantas conversas, de tantas histórias. Ainda, antes de pedirmos a comida, tentei dissuadir o amigo, não querendo emprestar ao jantar fraterno um custo exorbitante. O meu amigo não ia nessas conversas. Tinha vindo ali com a intenção de comer lampreia comigo, e era o que ia acontecer. Esperava-me uma noite de longa digestão!

É do senso comum evitar a lampreia ao jantar. Não é ela uma viajante de longo curso? Deve ser digerida em grandes passeios ou em trabalhos leves. Mas quem nelas se mete, delas deve recolher a lição<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Ver nota 15.

<sup>44</sup> É o que vamos tentar fazer, como conclusão da nossa investigação: digerir toda a informação que recolhemos, em síntese antropológica interpretativa.

Em primeiro lugar, temos o espaço ecológico, como um cenário a interpretar pelos pescadores das artes da pesca à lampreia. Por imposições naturais e configurações sociais, o actor é instruído na construção de um mundo, onde a visualidade adquire valores cognitivos e significados sociais (Cf. Nunes 1995, 1996, 1997). Investigando sobre “O Problema do Aleatório”, Nunes (1999) propõe instrumentos conceptuais no campo das ciências cognitivas, nomeadamente a percepção visual, para interpretar o sentimento de insegurança e o indeterminismo próprios da profissão de pescador (no caso, a pesca da xávega), dado o aleatório da actividade. O “acaso”, como dado epistemológico fundamental do mundo, a que recorre o autor (Nunes 1999: 282), tendo em conta a ideia citada de Abraham Moles (cf. Moles 1995: 200), só funciona na pesca à lampreia no que se refere à possibilidade de ela subir ou não o rio, e no momento e local exactos em que o faz. Se os homens modernos, a partir do séc. XVII (cf. Hacking 1975), lidam com o acaso estabelecendo padrões de regularidade, de modo a conceptualizar o aleatório, no passado, e em visões do mundo fora das leis matemáticas, fazem-no através da construção de sentidos sobre sinais, sobre “evidências”, que possibilitam dominar o acaso. E é neste ponto que o valor cognitivo da visão adquire, em nosso entender, um papel relevante. Enquanto que noutras artes da pesca e noutros espaços ecológicos os aspectos de ordem escópica (Nunes 1999: 284) surgem à posteriori, integrando o determinismo e a causalidade, no nosso caso eles aparecem como anteriores, posicionando o pescador num espaço a compreender e a dominar pela tomada de decisões oportunas e consistentes, segundo as possibilidades de cada um, tanto a nível cognitivo, como material/tecnológico, ou mesmo legal.

O meio ambiente em que os actores estruturam as suas práticas funciona como um código de leitura e avaliação das estratégias a definir ou definidas (Hendry 1999: 222), ao qual se pode acrescentar os sentidos entretanto criados e recriados pelos próprios actores. Ao funcionar como um “modelo de” percepção, ele provoca nos intérpretes a construção de códigos de compreensão do espaço e da sua funcionalidade, dos quais surgem “modelos para” intervir, exercitando estratégias específicas da prática desse espaço, bem como a construção de artefactos adequados a essas estratégias.

Da variedade e complexidade do estuário do Cávado se alimenta a multiplicidade das artes e saberes de nele intervir e de o compreender. Em sintonia com Zeca Perpétuo do romance *Mar me quer* de Mia Couto que dizia que “dispensado de pescar, me dispense de pensar”, os pescadores deste estuário criaram um “espaço” (Certeau 1990: 173: “um espaço é um lugar praticado”) pensado e que provoca o pensamento, num sistema de interações que funciona como um sistema de identidade, possibilitado pela história dessas interações, a qual continuamente organiza e compensa as perturbações que possam surgir (aquilo que se pode ver nos organismos vivos, enquanto constroem a sua autonomia, e a que Varela chama de *história dos emparelhamentos* – Varela 1987: 109-110). A cognição humana está intimamente ligada à evolução cultural, através da acumulação de experiências, por vezes em pequena escala, onde os processos de transmissão cultural estão intimamente ligados ao meio envolvente. A conceptualização desenvolve-se a partir de uma ontologia intuitiva, ao mesmo tempo que a enriquece (Boyer 1999: 206).

No estuário do Cávado, a distribuição pelo espaço geográfico das possibilidades de pesca não só é diversa, como o acesso aos diferentes espaços não é igual para todos (cf. Hendry 1999: 177). Entre o “bicheiro” e a ponte de Fão, passando pelo rio, molhe, paredão e estacaria, os recursos haliéuticos poderão ser percebidos como iguais, dado todos os lugares estarem no mesmo estuário. A questão central está nas artes de pesca, as quais diferenciam à partida a consumação do trabalho dispendido. É certo que outros factores intervêm, como a selecção por parte dos praticantes de cada uma das artes (muitos dos pescadores podem optar por uma ou outra arte) dos locais da espera (mesmo a estacaria pode ser deslocada para montante da ponte, caso as cheias o justifiquem), ou as próprias condições meteorológicas. A competição (cf. Gledhill 1994) que neste estuário verificámos na pesca da lampreia, assim como as invejas que lhe estão associadas, ao contrário da pesca de xávega estudada por Francisco Oneto Nunes, onde se utilizam as mesmas artes e artefactos, e se respeitam os mesmos direitos, utiliza essa variedade de métodos e a consequente opção ou possibilidade do seu uso, para justificar os insucessos (e daí toda a “má língua” sobre determinadas artes). Mas ela faz-se especialmente entre os praticantes da mesma arte, onde a visualidade da acção do outro impele não só à manutenção da atenção, como à imitação das estratégias. Convém salientar que praticamente não existe, para além da estacaria, uma arte que não seja utilizada pela quase totalidade dos pescadores. Cada pescador procura potencializar ao máximo a captura, escolhendo a arte que, “olhando” o rio, julga ser a que está mais apta para isso. E é essa variedade de possibilidades que define o verdadeiro pescador do amador ou curioso. O pescador de Esposende, pelas dificuldades da barra, por comodismo, pelas grandes mudanças entretanto surgidas nas sociedades piscatórias (Martins 1999: 243), ou por ter no estuário do rio uma riqueza haliéutica assinalável, especializou-se no conhecimento do seu estuário (cf. Fernández 1999: 3338). É sobre ele que constrói um sistema de linguagem e de toponímia próprio, identificando-se com ele: “*the aim of ethnoecological research is to provide a better understanding of how people perceive their environment and how they organize these perceptions* (Moran 2000: 63; cf. Frake 1962). Da variedade das possibilidades e do modo como lidar com elas, o pescador do estuário do Cávado constrói uma visão compreensiva do espaço e da sua própria performance, numa lógica de desenvolvimento contínuo do “olhar”, onde o aleatório entra no jogo como um elemento de provocação e não de dissuasão.

O “olhar” não se orienta unicamente para os elementos naturais, sejam eles os recursos, a geografia ou a meteorologia. Ele orienta-se também para os outros actores, os quais são vistos eminentemente como concorrentes, ali ao lado. Essa concorrência existe mais sobre a ponte de Fão, e menos na estacaria, onde a sorte e o aleatório tem mais significado (dado uma companha poder coincidir com um dia extremamente adverso, que lhe impossibilita o êxito). Por isso, as artes da fisga e da estacaria resolvem a concorrência de forma diferente: na primeira, pelo desenvolvimento da perícia (daí que o que tem êxito é mais prestigiado); na segunda, pela quantidade de lampreia que se apanha nesta arte e pelo grau restritivo de acesso à mesma, onde a própria participação é de si mesma prestigiante. O “controlo” do outro adversário faz-se, ainda, averiguando continuamente sobre as suas opções quanto aos locais e artes de pesca. Nesse caso, o conhecimento da história de cada um e das suas capacidades de fazer as melhores escolhas é o que influi sobre as estratégias dos outros. Este controle baseia-se mais sobre o que é visto do que sobre o que é contado, mesmo que a história comum tenha a sua fonte

no observado. Sabe-se, porque se viu (no sentido original do termo grego *histo*, que tanto quer dizer “sei isto”, como “vi isto”).

Mesmo tendo em conta o alto valor económico da lampreia e a importância do seu rendimento para a economia familiar do pescador, dificilmente poderemos pensar nas emoções como estruturadas em experiências de necessidade, quanto ao grau de incerteza e risco do quotidiano. Aqui, o que está em jogo é o status do indivíduo (Cf. Hendry 1999: 177). A sorte é o saber (cf. Martins 1999: 253). Há um saber a demonstrar, onde a sorte entra marginalmente, como um elemento de perturbação, mas não de imposição aleatória do desfecho da pescaria (“alguns, mesmo que o peixe viesse ter com eles, não apanhavam nada!”, dizia o Sr. José).

Mas, mesmo conscientes de que no saber ler os sinais do tempo e da geografia está grande parte da sorte do seu trabalho, os pescadores não ficam alheios aos demais elementos que possam ajudar -ou não perturbar- essa leitura. Grande parte deles estão situados em complexos de relações oriundas das experiências da vida quotidiana, neste caso, das comunidades pescadoras. Por um lado, é necessário justificar perante os pares o inêxito; por outro, sendo uma actividade fortemente individualizada (no caso das artes onde são utilizados instrumentos individuais), há que carregar de sentido a extensão do indivíduo por exemplo, o galheiro para que ela manifeste essa unidade de sentimentos.

A utilização de expressões como “isto foi uma bruxa que me viu”, “foi por ter passado junto à casa daquela puta”, “a puta fodeu-me a noite” (várias expressões proferidas tanto no paredão como na ponte de Fão) tentam explicar o quebranto, o qual justifica a incapacidade de apanhar no galheiro ou na fiska a lampreia que o vizinho veio a pescar. Se o riso dos vizinhos denuncia logo outras razões para o insucesso, a crença de que exprimir estas palavras e expressões pode ser de grande utilidade para o sucesso no futuro impele os pescadores “infelizmente” a proferi-las (cf. Nunes 1999: 280; Lisón Tolosana 1987: 158). Não poderemos falar de um “idioma da inveja” (cf. Nunes 1999) na pesca à lampreia, dado que as causas do insucesso estão mais direccionadas para a capacidade individual de aproveitar uma “sorte” que se apresenta a todos por igual, dado que a escolha do lugar ou arte de pesca cabe a cada um dos pescadores, para as quais deve definir apropriadamente estratégias temporais e locais.

Ao marcarem os artefactos de pesca com sinais particulares (como fazem todos os pescadores), os homens que esperam a lampreia não pretendem somente definir uma acto de posse ou dificultar os possíveis roubos. O galheiro pintado com as cores do clube amado, para além de identificar o dono, faz parte de uma expressão de sentimentos que é requerida para provocar e situar um conjunto de emoções (cf. Weiner 1999: 234-249). Positivas ou negativas, essas emoções vivem-se, aceitam-se e justificam-se por si mesmas, independentemente de qualquer explicação racionalizadora. Tendo sido o desejo de ali estar, de pé ou sentado, faça frio ou chova, muitas vezes explicado como “um vício”, a incapacidade de resistir ao apelo da chamada envolve todo o indivíduo e o espaço social que o circunda, como o emprego e a família. No caso dos que têm outra profissão, pede-se férias (ou sai-se mais cedo do emprego) e deixa-se a mulher a dormir em casa, cedendo-se à afirmação de um convívio masculino nocturno (cf. Almeida 1995), onde a marca do desafio e da identidade de cada um carrega de emoções todo o lance do rio.

Outro ponto de análise versa a questão do tempo e da economia. Sendo a pesca à lampreia uma actividade sazonal, a marca do “tempo da lampreia” não deixa indiferente nenhum dos intervenientes. O calendário em Esposende, no que diz respeito ao rio, está marcado pela “época da lampreia” (uma outra, a da pesca do “meixão” ou “enguia branca” – enguias muito pequenas, com pouca maturação – também serve de referência, mas como se trata de uma pesca proibida, não há um discurso público sobre ela). A época da lampreia funciona como um tempo de excepção. A dimensão excepcional da pesca à lampreia abarca vivências e espaços múltiplos, os quais compilam as actividades dos que demandam o rio e os restaurantes. Pescadores, gastrónomos e curiosos vivem esse tempo de excepção, recorrendo uns à exploração da totalidade do rio nas variadas artes e lugares, outros, a um investimento económico supérfluo (e algumas vezes irracional, quando as dozes de lampreia chegam aos 100 euros), só justificado pela raridade do momento (onde a novidade acrescenta encargos) e pela “estranheza” do prato. Outros ainda, não sendo pescadores de lampreia, nem abonados em dinheiro para a ela ter acesso, participam desse momento de excepção, como figurantes de um espectáculo onde lhes é reservado um lugar próprio: o de assistir à pesca, emprestando com a sua curiosidade um acréscimo

de importância ao acto, e o de “ler” e “comentar” as ementas, onde as referências ao prato de lampreia e ao seu valor se evidenciam em espaço extra, destacando assim (mesmo por vezes através de comentários depreciativos) aqueles que fazem essa opção gastronómica. As narrativas que envolvem a pesca e o consumo da lampreia sobrevalorizam-na como prato gastronómico, atribuindo, consequentemente, um status particular aos seus aderentes. Por vezes, chega a “parecer mal ainda não ter comido lampreia este ano”! Outros, inclusive, definem uma contabilidade para esta prática gastronómica, actualizando continuamente, junto de amigos e conhecidos, o número de lampreias entretanto degustadas. Em alguns restaurantes existem clientes (“do Porto”) que todos os anos, em grupo de amigos, vêm aí comer a sua lampreia ritual. Uma afirmação deste tempo de excepção e do seu valor económico vê-se nas políticas turísticas das autoridades locais, com a criação da “Semana da Lampreia” (ou “Semana Gastronómica”).

Como já vimos, da capacidade de interpretação e de optimização da relação com o meio onde actua, os pescadores da lampreia recorrem a uma multiplicidade de artes e de estratégias de captura que, para além de reflectirem essa adaptação, espelham relações sociais de profissão e de grupo. O acesso a uma ou outra arte está definido por capacidades, pertenças e relações de poder. Os próprios artefactos aproximam-se ou afastam-se da simbólica profissional, consoante permitem ou não o acesso aos mesmos, para além das referências estéticas peculiares. As redes (Leroi-Gourhan 1984: 71), sejam elas fixas (estacada) ou móveis (tresmalho), são utilizadas pelos profissionais e sujeitam-se a um tipo de averiguação institucional, que não os outros artefactos. Destas, as fixas, na estacada, são as que mais, desacordos provocam, justificados pelo seu uso “preguiçoso”, que na qualidade de armadilha, “não faz justiça à lampreia”. Mas o que de facto provoca o desacordo é a dificuldade de acesso a esta arte, pois está limitada a cinco companhas, como anteriormente referimos. Estas fecham-se sobre si mesmas, em estratégias de auto-preservação, onde a lógica familiar (cf. Moulinié 1998: 245-247; 268) e de compadrio impossibilitam veleidades aos estranhos. Sendo a mais institucionalizada, ela serve ainda como paradigma ao controlo da pesca, havendo a tendência, hoje, de se constituírem também companhas para as redes móveis de deriva. O problema é que à institucionalização e ao pleno controlo por parte das autoridades se seguem as obrigações fiscais e de responsabilidade civil.

Já no que diz respeito às outras artes, elas fazem apelo à capacidade individual, ao discernimento do espaço, ao mesmo tempo que não limitam o seu acesso ao pescador profissional. Apesar de a partir de 2000 as autoridades terem exigido licenças para todas as artes da pesca à lampreia, as que não estão associadas às redes reservam ainda um espaço de liberdade ou de falta de controlo, que possibilitam o acesso de indivíduos com outras profissões (note-se que alguns destes conseguiram licenças, o que provocou fortes discussões no estuário do Cávado). Uma das artes, a da “fisga”, foi sempre proibida, mas sempre praticada. Ainda hoje, depois de todas as regulamentações e licenciamentos, ela continua a ser praticada. Poderíamos classificá-la como a “arte sem regras”, dada a confusão e as discussões que se podem verificar aquando do aparecimento de uma lampreia. Uns por cima dos outros, procurando o lugar da ponte que possibilite maior proximidade à visitante, lançam as fisgas para o mesmo alvo. Por vezes, a resolução da disputa nem sempre é pacífica.

As contínuas referências ao presente e ao passado, quer sobre a disposição do leito do rio, da configuração da foz e respectiva insua, quer sobre os quantitativos dos recursos haliêuticos, quer ainda sobre as disposições legais e impedimentos de acesso a esses recursos, estimulam a formulação de uma história comum que enquadra a identidade do grupo. Essa experiência vivida, património de uma memória frequentemente revisitada (Certeau.: 1987: 97), para além de organizar as novas interpretações e acções neste “espaço” ecológico (com frequência saudosistas), funciona como o espaço de reinterpretção de todas as mudanças entretanto sucedidas nos múltiplos âmbitos da vida social ou na própria vida particular (cf. Moore 1999: 239). Numa disposição proxémica, a memória e o espaço aparecem como disposições práticas a cumprir. Na sua maioria, os pescadores narram os acontecimentos e interiorizam-nos (cf. Affergan 1997) através da descrição espacial, sendo que o espaço aparece como “um acto de o praticar” (Certeau 1990: 191).

Ao contrário de outras artes de pesca, as da lampreia no Cávado exigem uma atenção contínua, um olhar clínico e constante, no risco de nada apanhar. Esperar a lampreia é um ritual pautado por raros momentos de celebração e de muitos de silêncio e cumplicidade com o manto das águas, na expectativa de um sulco, uma mancha, um rasto ondulante. E é nesta exigência de concentração

## BIBLIOGRAFIA

- AFFERGAN, Francis (1997), *La pluralité des mondes. Vers une autre anthropologie*. Paris: Albin Michel.
- ALONSO, Eliseo (1989), *Pescadores del Rio Miño*, Pontevedra: Ed. Dip. Prov..
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1964), "Ementação das almas. Rezas da ceia". *Revista de Etnografia*. Porto, 3 (1). Pp. 41-68.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (1995), *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- AZEVEDO, José (1973), *Homens do mar da Póvoa*. Póvoa do Varzim.
- BALDAQUE DA SILVA, A. A. (1887), *Pesca marítima e fluvial*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- (1891), *Estado actual das pescas em Portugal compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o continente do reino, referido ao anno de 1886*. Lisboa: Ministério da Marinha e Ultramar – Imprensa Nacional.
- (1899), *Roteiro marítimo da costa ocidental e meridional de Portugal*. Lisboa.
- BATTAGLIA, Debora (1999), "Toward na Ethics of the Open Subject" in Moore, Henrieta L. (ed.). *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 115-150.
- BOYER, Pascal (1999), "Human cognition and cultural evolution" in Moore, Henrieta L. (ed.). *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 206-233.
- BRANDÃO, Raul (1923), *Os pescadores*. Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- BROTHWELL, D. P. (1971), *A alimentação na Antiguidade*, col. Historia Mundi, Lisboa: Editorial Verbo.
- CASTELO-BRANCO, M. (1981), *Embarcações e artes de Pesca*. Lisboa: Lisnave.
- CERTEAU, MICHEL DE (1987), *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard.
- (1990), *L'Invention du quotidien. I. Arts de faire*. Paris: Gallimard.
- COLE, Sally (1994), *Mulheres da Praia*. Lisboa: Dom Quixote.
- DELIÈGE (1992), *Anthropologie Sociale et Culturelle*. Bruxelas: De Boeck.
- DENZIN, Norman K. (1997), *Interpretive ethnography. Ethnographic Practices for the 21st Century*. Londres: Sage.
- FERNÁNDEZ, José P. (1991a), *Antropología Marítima: historia, ecología, organización y cambio económico entre los pescadores*. Madrid: Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentación.
- (1991b), *Entre el Mar y la Tierra: los pescadores artesanales canarios*. Santa Cruz de Tenerife: Interinsular Canaria/Ministerio de Cultura.
- (1999), "Los estudios de antropología de la pesca en España: nuevos problemas, nuevas tendencias" *Etnográfica* Vol. III, n.º 2: 333-360.

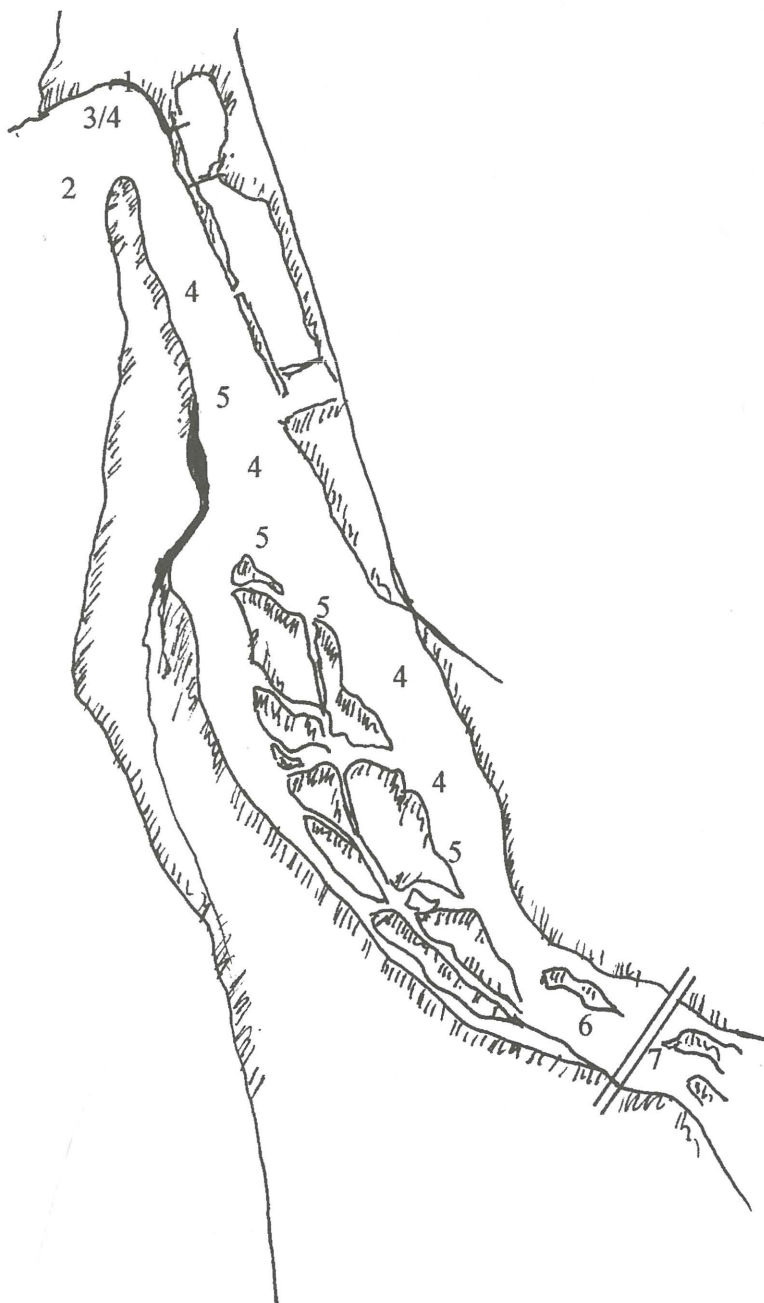
---

extrema, feita durante horas, que está a carga emocional extravasada aquando da pesca de um exemplar. A cumplicidade do tempo de espera consolida os laços de pertença a um mesmo objectivo, mas valoriza a resolução individual do mesmo.

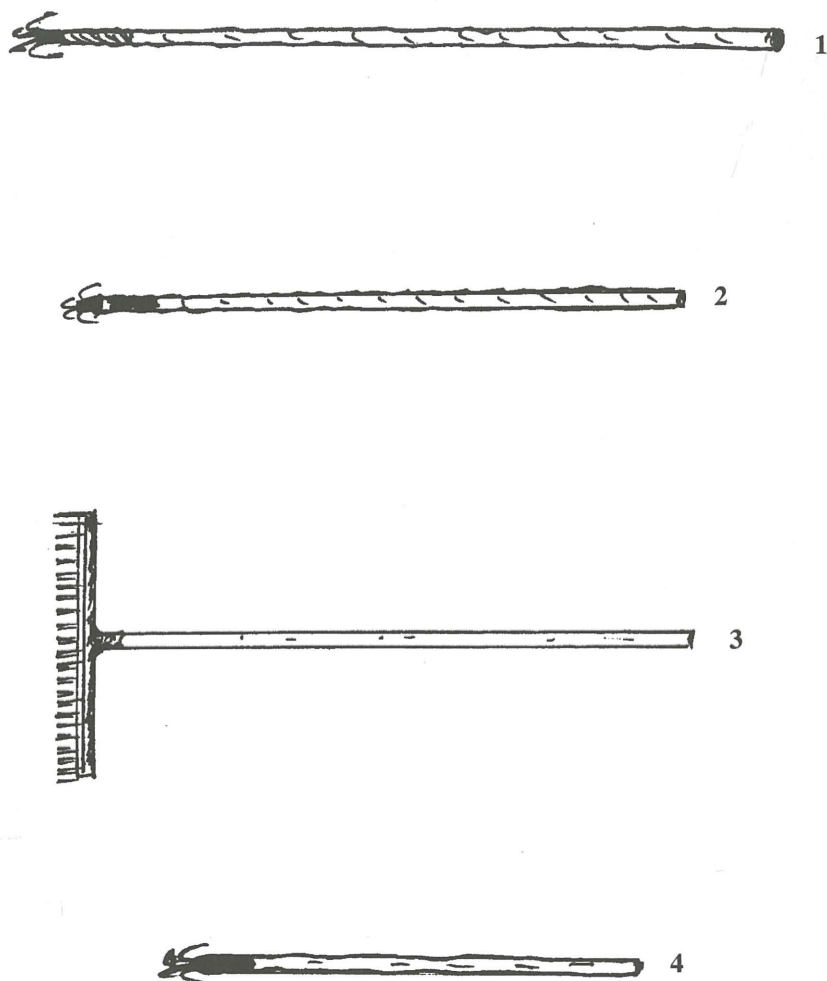
A pesca à lampreia no estuário do Cávado apela à vivência de um acontecimento de excepção. No exercício de compreensão deste lugar vivencial concorrem uma memória, rituais, artes e saberes sempre renovados, os quais regem o comportamento dos indivíduos nas estratégias de relação em que goçoem a identidade e a estabilidade do grupo.

- FRAKE, C. (1962), "Cultural Ecology and Ethnography". *American Anthropologist*, nº 64 (1): 53-59.
- GRAÇA, António dos Santos (1932), *O Poveiro. Usos, costumes, tradições e lendas*. Póvoa de Varzim.
- HARDESTY, D.L. (1977), *Ecological anthropology*. Nova Iorque: Wiley.
- HENDRY, Joy (1999), *Other People's Worlds*. Nova Iorque: New York University Press.
- LAYTON, Robert 2001 (1997), *Introdução à teoria em antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- LARANJEIRA, Lmay (1984), *O Furadouro. O povoado, o homem e o mar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar.
- LEITÃO, Joaquim (1908), *Guia Ilustrado de Esposende*. Porto.
- LEITE, Antero (1999), *As pesqueiras do Rio Minho*. Caminha: Corema.
- LISÓN TOLOSANA, Carmelo 1987 (1979), *Brujería, Estructura Social y Simbolismo en Galicia*. Madrid: Ediciones Akal.
- MARTINS, Luís (1999), "Mares electrónicos em fundos sem peixe: um estudo de caso na Póvoa de Varzim e nas Caxinas" *Etnográfica* Vol. III, nº 2: 235- 270.
- MOORE, Henrieta L. (ed.) (1999), *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press.
- MORAN, Emilio F. (2000) (2ª ed.), *Human Adaptability. Na introduction to ecological anthropology*. Colorado: Westview Press.
- MOREIRA, C. D. (1987), *Populações Marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- NETTING, Robert. (1977), *Cultural ecology*. Memlo Park (Cal.): Cummings.
- NUNES, FRANCISCO ONETO (1999), "O problema do aleatório: da coerção dos santos ao idioma da inveja" *Etnográfica* Vol. III, nº 2: 271-292.
- ODUM, H.T.; ODUM, E.P.; BROWN, M.T.; LaHART, D.; BERSOK, C. & SENDZIMIR, J. (1988), *Environmental Systems and Public Policy. Ecological Economics Program*. Universidade da Flórida.
- OLIVEIRA, ERNESTO VEIGA DE & GALHANO, FERNANDO (1958), "A apanha do sargaço no norte de Portugal". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVI, 1-4. Porto. Pp. 66-170.
- OLIVEIRA, ERNESTO VEIGA DE; GALHANO, FERNANDO, PEREIRA, BENJAMIM. 1990 (1975), *Actividades Agro-marítimas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.
- PEIXOTO, ROCHA (1995), *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.
- POLONAH, LUÍS (1969), "Porto Côvo. Uma aldeia de pescadores-lavradores". *Geographica*, 20. Lisboa. Pp. 21-23.
- RIBEIRO, ORLANDO (1945), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora.
- SAMPAIO, ALBERTO (1905-1908) (2 Vol.), *As póvoas marítimas do norte de Portugal*. Porto: Portugália.
- SANTOS, M. C. A.A. (1968), *O estudo etnográfico e folclórico dos povos do litoral continental*. E/A.
- SOEIRO, TERESA & LOURIDO, FRANCISCO CALO (1999), *Fainas do mar. Vida e trabalho no litoral norte*. Porto: CRAT.
- SMITH, R. L. (ed.) (1972), *The ecology of man: an ecosystem approach*. Nova Iorque: Harper and Row.
- TOMÉ MARTIN, p. (1996), *Antropologia ecológica: influencias, aportaciones e insuficiencias: procesos de adaptación en el sistema central*. Avila: Institución Gran Duque de

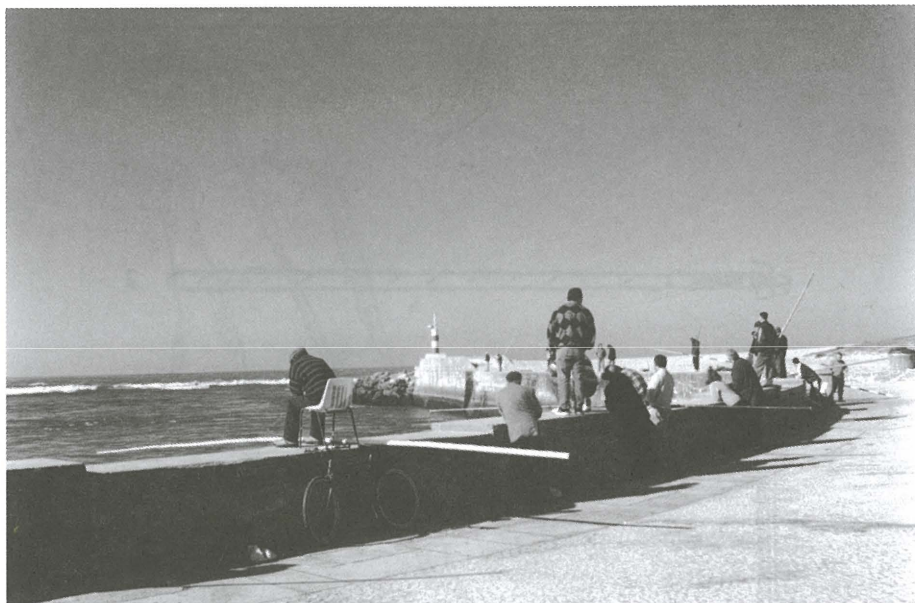
- Alba de la Diputación Provincial.
- WEINER, JAMES (1999), "Psychoanalysis and anthropology: on the temporality of analysis" in Moore, Henrieta L. (ed.). *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 234-261.
- VARELA, F. (1998) (1997), "A individualidade: a autonomia do ser vivo" in Veyne; Vernant; Dumont; Ricoeur; Dolto, Varela; Percheron. *Indivíduo e Poder*. Lisboa: Edições 70.
- VIEIRA, JOSÉ DA SILVA (1915), *Caderno de apontamentos para a história do concelho de Esposende*. Esposende: E/A.

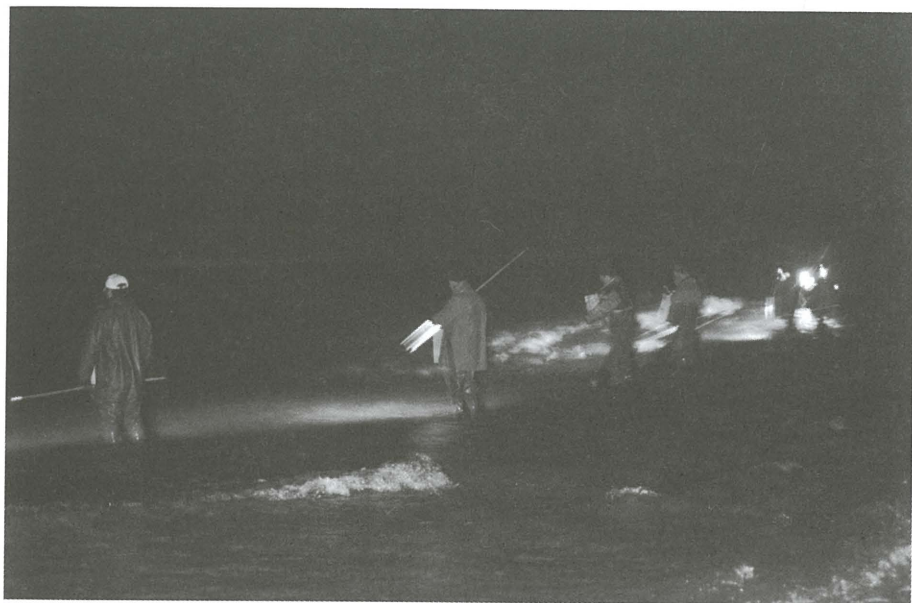


**Fig. 1** – Estuário do Cávado. 1. Paredão – Galheiro; 2. Restinga – Bicheiro; 3. Foz – Rede e Ponteira; 4. Estuário – R. Tresmalho; 5. Estuário/Rio – P. à Tona; 6. Rio – Estancia – Rede; 7. Ponte de Fão – Físga.

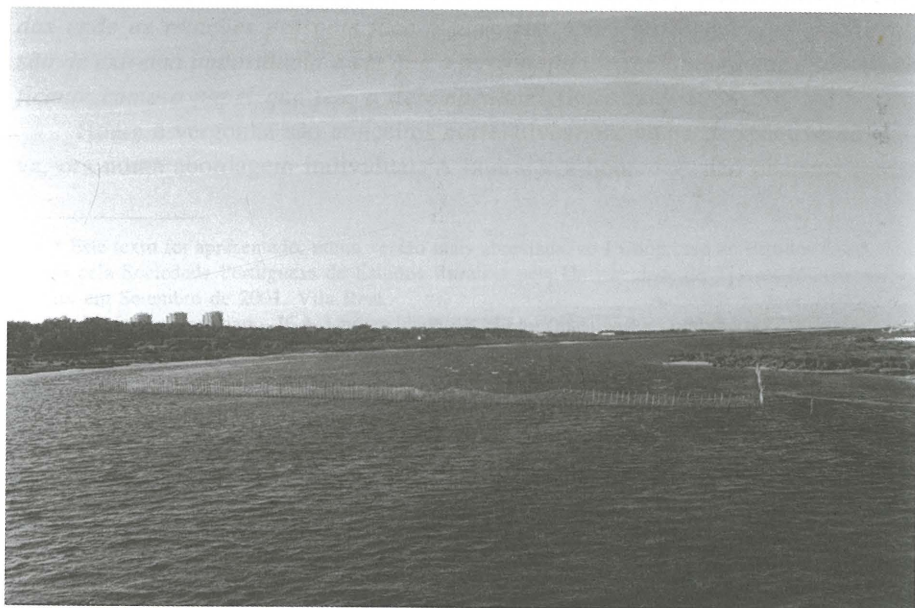


**Fig. 2 - 1.** Nome: GALHEIRO; Material: Cana de bambu com quatro anzóis fixos à cana, na extremidade; Tamanho: Entre 8 e 10 metros; Utilização: É utilizado na zona do paredão, e, muito raramente, em cima da ponte de Fão. **2.** Nome: BICHEIRO; Material: Pequena cana de bambu ou pequena vara de madeira com quatro anzóis na extremidade; Tamanho: Varia entre os dois metros e meio (no primeiro caso), e o metro e meio (no segundo caso); Utilização: É utilizado no molhe junto à praia, na zona do “bicheiro, e nas embarcações que percorrem o rio, tanto para a pesca “à tona”, como para as “estacas” e o “molhe”. **3.** Nome: FISGA; Material: Vara em madeira com um “pente” em metal na extremidade; Tamanho: O comprimento da vara vai desde os três metros e meio aos quatro metros, o pente em metal tem cerca de meio metro e os dentes do pente têm cerca de 10 centímetros, perfazendo estes entre trinta e dois e trinta e seis; Utilização: É utilizada em cima da ponte de Fão. **4.** Nome: PONTEIRA; Material: Normalmente uma cana de bambu, mas pode ser também de outro tipo de material, com quatro anzóis na extremidade; Tamanho: Cerca de três metros; Utilização: A ponteira é utilizada nas embarcações quando pescam na zona da foz do Cávado, e no molhe.

**Foto 1****Foto 2**



**Foto 3**



**Foto 4**